

# ARKHITETHOS

Carlos Nigro<sup>1</sup>

Um princípio que se expõe: pelo encontro das palavras *arkhitektôn* e *ethos*, aborda-se a escolha do bem comum pelo construtor principal. Encontro que também possibilita a experiência de um hiato, conectado por uma sutil linha que conduz o ponto do vazio imaginário (ou, talvez, recalçado) do sujeito - onde se deveria validar o pensamento singular - ao ponto do objeto (sua obra).

Subtraia desta materialidade o que não interessa ao próprio corpo (FUGANTI, 2018).

Em busca de afetos, significativos e transformadores, torne-se pela intuição, a que precede a representação, inclusive enquanto um método de invenção de verdadeiros problemas, gozo da diferença, reengendramento constante da subjetividade do ser em seu estado nascente (DELEUZE, 2012), quando descortina-se a inovação na sua essência.

Não import(e)a a grafia.

Deixe-se levar pelos fluxos sensíveis a favor deste gozo, presente na fissura onde se alojam as experimentações criadoras que permitem imaginar, desenhar, fotografar e arquitetar as próprias condições para romper e para desterritorializar, tornando nua a verdade pulsional através da sua força *nonsense*.

Força tal qual um levante, gesto manifestado pelos sujeitos indignados e sem vislumbre de poder; gesto que rompe a previsibilidade da história. Rompimento que é a recusa, a potencialização de fazer de outro modo (DIDI-HUBERMAN, 2017).

Recomponha-se em sua singularidade individual e coletiva (GUATTARI, 2012), afirmando as diferenças no encontro do que é comum. Converse. Co-crie. Componha. Assine essa prática, que além de ética, também é estética e política (da potência, e não do poder).

O distanciamento ou o afastamento do ato de filosofar, que possibilita tecer inúmeros conceitos transdisciplinares aplicáveis no campo da percepção e gestão das cidades, não permite relacionar o sujeito com o objeto por ordem de qualidade, e nem por ordem de grandeza, ainda que sintonizado com a realidade buscada de forma direta e imediata (SAYEGH, 2008).

Este distanciamento ou afastamento provoca a não percepção das práticas revolucionárias voltadas a não espetacularização da vida e das cidades, o que deixa de oportunizar a negação da mera repetição de modelos estéticos exógenos e descontextualizados (JACQUES, 2005).

Assim, permanece-se diante de padrões estéticos globalizados, desenraizados

<sup>1</sup> Carlos Nigro possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (1993, Prêmio Marcelino Champagnat), Especialização (1994) e Mestrado (2005, 1º Prêmio CONFEA de Criatividade e Inovação Tecnológica) em Gestão Urbana, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Possui também Especialização em Dinâmica de Sistemas, pela Cátedra UNESCO em Sostenibilitat da Universitat Politècnica de Catalunya (2009) e Especialização em Gestão e Liderança Universitária (2014). Professor da Escola de Arquitetura e Design da PUCPR. E-mail: carlos.nigro@pucpr.br

e gratuitos, seja pelo fato de ignorar, seja pela alienação ou seja por uma intenção astuciosa.

Renderizações deslumbradas de uma vida iludida.

Causa ou consequência?

Oportunismos em troca de quais recompensas?

O círculo vicioso da máquina social nos sabota para reproduzir e para nos distanciar do campo do acontecimento, do desejo intensivo e da pulsão. Sendo assim, pela máquina busca-se o ideal (o teórico), onde o problema é imposto de fora e repete a escravidão generalizada e melancólica (FUGANTI, 2018).

A covardia, ou a falta de confiança que não nos coloca em movimento e, conseqüentemente, não nos permite a ousadia, é o sentido desta busca. Vive-se, passivamente, em função dos problemas dos outros, do ideal do outro, pela incapacidade de se colocar os próprios problemas a partir dos elementos afetivos e não teóricos, por meio de uma grafia que seja o campo da experimentação que potencializa a criação. Idealiza-se, pois, pela segregação e rebaixamento dos afetos, tais quais os da criança (FUGANTI, 2018).

Ausência esta que contribui pela manutenção do pensamento hegemônico, o que, inclusive, também pode vir a ser destruído pela escuta do inconsciente, pelo sentimento de repulsa e, assim, pela ética do bem-dizer. Suspeite-se de si mesmo, até como um ato de sublimação (ALCEP, 2017).

Aconteça. Derive. Pela errância do desejo, como uma abordagem metodológica participativa de percepção em contextos de complexidade, também são reveladas heterotopias, espaços singulares e não convencionais em oposição aos demais (FOUCAULT, 2013a), principalmente tangíveis nas situações de vulnerabilidade, de tensão e de conflitos, o que fundamenta um urbanismo experimental, não mapeado, não sentido socialmente como uma crise de valores que possibilita uma imersão num universo de incertezas e de possibilidades.

O entendimento da parte invisível deste vazio se dá pela tangibilidade imagética (visibilidade do desejo, que não pode ser reprimido em nome da ciência), por meio da conscientização (e, se necessário, por meio da análise) da subjetividade destes espaços heterotópicos, através do uso da fotografia: partida conceitual de um urbanismo inicialmente conduzido pela geografia afetiva (JACQUES, 2003), o que pode vir a ser uma metodologia experimental para compreensão da complexidade da cidade contemporânea (JACQUES & DRUMMOND, 2015).

Experimentação ética da cidade vivida por meio das imagens que ardem (DIDI-HUBERMAN, 2012).

Imagens instabilizadoras que furam a malha da urbanidade onde estamos implicados (MORTIMER, 2017) (BRITO & JACQUES, 2017) (BALLEN, 2014) (NIGRO, 2016).

Enquanto um problema contemporâneo ético e de filosofia política, à luz da coragem da verdade (FOUCAULT, 2014) e do cuidado em si (FOUCAULT, 2013b) e, também, da filosofia topográfica (MALPAS, 2018), revelam-se estes outros-espacos (FOUCAULT, 2013a), singulares, em oposição aos demais, de uma outra forma.

Por uma constelação de imagens (DIDI-HUBERMAN, 2011) e de conceitos, tornam-

se visíveis (CORPOCIDADE, 2015) e táteis questões que a parresía, a fala franca, identifica, sob uma lente franca e, assim, pistas investigativas são montadas, o que gera conhecimento.

A deriva (JACQUES, 2003) (CARERI, 2015) (VISCONTI, 2014) de um errante-autor de um encontro corporal: um outro que pode dar direção à alma de um “homem-sujo” (FOUCAULT, 2014) com os refugos (BAUMAN, 2005) da cidade, indivíduo(s)-errante(s), sem inserção; análise de uma possível esquizofrenia (DELEUZE & GUATTARI, 2010) que lança mão da raiz de pertencimento, ao manifestar-se no espaço mutante, e que um dia pode deixar de falar a verdade, quando deixar de existir, seja pela invasão ou evasão do indivíduo, frente o poder institucionalizado em nome da lei, da moral e das estratégias competitivas: um ato pelo qual a verdade se manifesta (um discurso da verdade que o sujeito, institucionalizado ou não, é capaz de dizer sobre si mesmo). Ou vice-versa: o “homem-sujo” concede a direção espiritual. Intue.

Heterophotopia (NIGRO, 2016), heterotopologia por meio da fotografia, é uma narrativa intuitiva à flor da pele. É uma prática esquizoanalítica. Mas não é a única narrativa daquilo que emerge.

O conselho é dado.

Mas quem é o conselheiro e para quem o conselho está dado?

Dois parresiasistas que enfrentam a retórica dos discursos, humanístico, social, técnico, científico e político, que são visões covardes acerca da questão urbana. Parresiasistas que identificam o território sem máscaras, do espaço a partir dos seus outros e, portanto, da sua “ética do lugar” (MALPAS, 2018).

Virtudes colocadas em risco, por ambos.

O regime de se dizer a verdade passa pelos papéis sociais destes dois sujeitos, pelas dimensões proféticas e sabeis (do “homem-sujo”?), da técnica e da ciência (do arquiteto e urbanista-professor-pesquisador?), e da parresía (de ambos?). Mas encontra no discurso revolucionário, anti-espetacularização, pela crítica rompante (de ambos?) da sociedade existente, ousadia micropolítica (GUATTARI & ROLNIK, 1996) que não é apreciada, já que viola, pois lança luz sob o escondido. Por se desenrolar pela prova da alma, que se comunica ao divino, torna-se uma parresia ética (FOUCAULT, 2014). Ao cuidar-se de mim (ou de nós), útil serei (seremos) à cidade.

Esse cuidado, cínico, se apresenta como manifestação de uma provação da existência, ao encontrar-se com a verdadeira vida, desnuda, selvagem, em recusa ao desnecessário.

Corpo em devir (FUGANTI, 2007). Expõe-se à vida, abre o coração. Liberte-se. Dê algo de si. Cuide-se.

Presença imediata. Decapagem da existência. Vida em risco, não só pela fala franca, mas pela própria maneira como se vive frente a magnitude das incertezas.

A alteridade, qualidade do que é outro, é a marca desse verdadeiro, e assim, marca de um urbanismo experimental parresiatóico, que também é empático (BROWN, 2013). Logo, ético.

Arkhitethos, em busca da restauração da cidade subjetiva (GUATTARI, 2012).

A quem ela não interessa?

## Referências bibliográficas

- ALCEP. *Notas do Curso Os 4 Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Curitiba: ALCEP, 2017.
- BALLEN, R. *Asylum of the birds*. London: Thames and Hudson, 2014. 144 p.
- BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 176 p.
- BRITO, F. & JACQUES, P. (org.). *Corpocidade: gestos urbanos*. Salvador: EDUFBA, 2017. Disponível em: < <http://www.corpocidade5.dan.ufba.br/wp-content/uploads/livro/012.pdf> > Acesso em: 25 de maio de 2018.
- BROWN, B. *Empathy*. Londres: RSA, 2013. Disponível em: < <https://vimeo.com/81492863> > Acesso em: 25 de maio de 2018.
- CARERI, F. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Gustavo Gili, 2015. 188 p.
- CORPOCIDADE. *Plataforma Corpocidade 5*. Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: < <http://www.corpocidade5.dan.ufba.br/index.php/atravessamentos/> > Acesso em: 31 de julho de 2016.
- DELEUZE, G. *Bergsonismo*. São Paulo: Editora 34, 2012. 157 p.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010. 560 p.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Atlas: how to carry the world on one's back?* Madrid: Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, 2011. Disponível em: < <http://www.museoreinasofia.es/sites/default/files/notas-de-prensa/2010-004-dossier-en.pdf> > Acesso em 15 de outubro de 2016.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Quando as imagens tocam o real*. Belo Horizonte: UFMG, 2012: v. 2, n. 4, 204-219. Disponível em: <http://www.eba.ufmg.br/revistapos/index.php/pos/article/view/60/62> > Publicação original: Disponível em: < [http://www.macba.es/uploads/20080408/Georges\\_Didi\\_Huberman\\_Cuando\\_las\\_imagenes\\_tocan\\_lo\\_real.pdf](http://www.macba.es/uploads/20080408/Georges_Didi_Huberman_Cuando_las_imagenes_tocan_lo_real.pdf) > Acessos em 26 de maio de 2018.
- DIDI-HUBERMAN, G. *Levantes*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2017. 420 p.
- FOUCAULT, M. *O Corpo Utópico, As Heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições, 2013a. 55 p.
- FOUCAULT, M. *O Governo de Si e dos Outros*. São Paulo: Martins Fontes, 2013b. 380 p.
- FOUCAULT, M. *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 339 p.
- FUGANTI, L. *Corpo em Devir*. Revista Sala Preta/PPGCA. São Paulo: USP, 2007. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57321> > Acesso em 25 de maio de 2018.



FUGANTI, L. *Notas da Clínica de Esquizoanálise em grupo*. São Paulo: Escola Nômade de Filosofia, 2018.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012. 185 p.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996. 327 p.

JACQUES, P.B. *Breve histórico da Internacional Situacionista – IS*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 03, n. 035.5, Vitruvius, abr. 2003. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/696>> Acesso em 25 de maio de 2018.

JACQUES, P.B. *Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade*. *Arquitexto* 7, Porto Alegre: UFRS, 2005. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs\\_revista\\_7/7\\_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf](http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_7/7_Paola%20Berenstein%20Jacques.pdf)> Acesso em 25 de maio de 2018.

JACQUES, P.B. & DRUMMOND, W. (orgs.). *Experiências metodológicas para compreensão da complexidade da cidade contemporânea (volumes I, II, III e IV)*. Salvador: EDUFBA, 2015.

MALPAS, J. *Thinking Topographically: Place, Space, and Geography*. Disponível em: < <http://jeffmalpas.com/wp-content/uploads/2013/02/Thinking-Topographically-Place-Space-and-Geography.pdf> > Acesso em: 25 de maio de 2018.

MORTIMER, J. *Arquiteturas do Olhar*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2017. 267 p.

NIGRO, C.D. *Heterophotopia*. *Revista Vírus* 13/Nomads. São Carlos: USP, 2016. Disponível em: < [http://www.nomads.usp.br/virus/carpet\\_data/69/69br.pdf](http://www.nomads.usp.br/virus/carpet_data/69/69br.pdf)> Acesso em 25 de maio de 2018.

SAYEGH, A. *Bergson: O método intuitivo: uma abordagem positiva do espírito*. São Paulo: Humanitas, 2008. 227 p.

VISCONTI, J.C. *Novas Derivas*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 171 p.





